



**HARRIET CRAWFORD**, *Sumer and the Sumerians*, Cambridge University Press, Cambridge, 1991, X + 182 pp.

A Autora trabalha no Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres e planeou certamente este livro como uma introdução ao estudo da história e da arqueologia na Mesopotâmia, centrada no sul e em tempo sumério. Teve sobretudo em conta as mudanças ali efectuadas, tanto na tecnologia como no desenvolvimento social, durante o 4.º e 3.º milénios a. C., que foram efectivamente O tempo sumério.

O percurso adoptado consistiu em, depois de um capítulo sobre a descoberta do Próximo Oriente Antigo e sobre o seu enquadramento físico (pp. 1-12), tratar temática e cronologicamente a história, a cronologia e a organização social (pp. 13-28), os modelos de implantação e de agricultura (pp. 29-47), o planeamento da cidade e a arquitectura dos templos (pp. 48-76), os edifícios públicos e a construção de casas privadas (pp. 77-102), a vida, a morte e o sentido do universo (pp. 103-123), indústria manufacturadora e comércio (pp. 124-150), a escrita e as artes (pp. 151-168) e, em conclusão, o desenvolvimento da sociedade suméria (pp. 169-174), encerrando com as referências bibliográficas (pp. 175-180) e um índice de matérias.

No habitat oferecido pelas três regiões da Mesopotâmia, a base social que a A. apresenta para suporte da história descrita é a repartição da população entre pastores e cultivadores, com uma progressiva explicitação da população semítica, cuja proporção no conjunto se apresenta em crescendo. Estes dois modos de vida, um mais pendente para o nomadismo e o outro para a organização em aldeias, apresentam-se como complementares.

Os quase dois mil anos do tempo sumério são divididos entre o período de Uruk, que comporta grande parte da revolução urbana, e o aparecimento de líderes seculares e simultaneamente dos exércitos e da guerra organizada. Tecnicamente é o aparecimento da roda de oleiro, são os avanços na metalurgia, é a primeira escrita pictográfica. Isto faz do período de Uruk a maior revolução da história, talvez mais revolucionário nos efeitos do que no próprio processo. Os motivos para este crescimento são múltiplos e confluentes. Uruk poderia começar próximo de 4000 para terminar em 3200.

O período de Djemdet Nasr nem sempre parece muito destrinchável do de Uruk, tanto pela cronologia como pelos conteúdos. De 3200 a 2900 é o seu espaço provável.

O fenómeno histórico que mais parece caracterizar o período dinástico primitivo parece ser a definitiva configuração da cidade-estado,

onde o templo é ainda o maior proprietário, mas vai deixando de constituir a instituição liderante. Este período começaria em 2900, a. C.

O período de Agade parece marcado pelo cunho predominantemente militar dado pelos reis sargónidas à sua função. Este período teria durando entre 2317 e 2191.

O período dos Gútios não teria durado mais do que uns cinquenta anos.

O período da III dinastia de Ur foi de grande prosperidade, expressa nas monumentais construções, e iria de 2112 a 2006.

Segundo a Autora, a subida de Hammurabi ao trono deveria ser colocada em 1848 (cronologia longa).

De sublinhar também o aumento da propriedade privada, durante O período proto-dinástico e de Agade. O poder que pertencia ao templo no período de Uruk, passou a ficar nas mãos de indivíduos, chamados *lugal*, termo talvez equivalente ao semítico *sharru*, cujo aparecimento parece estar ligado à guerra. Este poder está limitado institucionalmente pela existência de assembleias de cidadãos, economicamente pela concorrência ainda eficiente entre palácio e templo e ideologicamente pela importância de algumas classes, nomeadamente a sacerdotal.

Durante o 3.º milénio, a propriedade privada começa a estender-se primeiramente a comunidades familiares e depois aos indivíduos autonomamente, incluindo mesmo as mulheres. Fortunas e intervenção individual notam-se igualmente no comércio de longa distância.

A hipótese da hiper-irrigação como causa para o declínio da III dinastia de Ur, e com ele o fim da idade suméria, é sugestiva, mas não se confirma ainda. Causa mais provável terão sido defeitos do próprio sistema político e administrativo.

O cap. 3, sobre os modelos de implantação histórico-geográfica e a agricultura, pôde beneficiar de novos métodos de prospecção de grandes áreas regionais. Verifica-se nomeadamente que, desde o período de Uruk, a ocupação dos sítios e mesmo a localização de algumas cidades depende sobretudo da irrigação e do correlativo percurso do leito dos rios e seus canais. O período dinástico primitivo gozou de um grande equilíbrio no tamanho dos estabelecimentos populacionais e o período de Agade não parece ter representado, nesse particular, uma grande ruptura. A relação demográfica entre cidades e segundo as suas épocas representa um dado muito interessante deste livro (pp. 29-42), não muito frequente entre a bibliografia da especialidade.

O facto de a Obra ter sido concebida como um manual histórico de apoio para a leitura arqueológica fez com que fosse particularmente enriquecido o capítulo sobre as cidades e o seu planeamento — im-

plantação ecológica, estratégica e segundo critérios técnicos. A arquitetura dos templos, dada a sua relevância na história da Suméria, é estudada especificamente período a período, desde o de Uruk até à III dinastia de Ur, concluindo-se com um apanhado sobre as torres-templo, chamadas zigurates.

O mesmo interesse arqueológico valorizou igualmente o cap. 5 sobre as construções públicas e privadas, cuja evolução foi pormenorizadamente escalonada ao longo dos vários períodos sumérios.

Um tema normalmente pouco tratado nas bibliografias de síntese sobre a história suméria é o das práticas funerárias e da imagem da vida quotidiana e social que nessas práticas se espelha. Especial atenção é dada à questão dos sacrifícios humanos no contexto dos rituais de sepultura, assunto especialmente ligado aos dados das sepulturas reais de Ur III.

No domínio da indústria manufacturadora e comércio (cap. 7) aparece sublinhada a movimentação económica em regime de trocas pré-monetárias e a especialização das cidades sumérias em determinadas manufacturas, como acontece com a indústria de peles em Isin. A seguir à agricultura, a indústria mais significativa é a dos têxteis. Arqueologicamente mal testemunhadas, as fábricas empregam, segundo os textos, pelo menos no período de Ur III, sobretudo mulheres e raparigas. A cerâmica amplamente testemunhada desde o início do período de Uruk parece ter perdido importância no período de Isin-Larsa, talvez devido ao crescente uso dos metais. No domínio da cerâmica, distinguia-se claramente a produção local e quase familiar da produção industrial, destinada a uma mais ampla difusão.

Apesar da importância do uso dos metais, que se presume e intui crescente já desde o 5.º milénio, o eco do seu uso e produção vemos mais dos textos do que das evidências arqueológicas, apesar de se encontrarem espécimes de interesse em cada época.

Outro traço importante da história deste tempo é o mapa das rotas comerciais, para o estrangeiro, por mar e por terra. São particularmente sublinhadas as que se dirigem da Suméria para oriente e para sul. Torna-se difícil saber, tanto nas indústrias como nos movimentos comerciais que parte da iniciativa cabia às entidades oficiais e que parte advinha aos cidadãos privados.

As evoluções sobre a escrita são sumárias. O manual não se volta tanto para a epigrafia e suas derivações. Mas a evolução dos estilos nos selos e outras artes é bastante mais pormenorizado.

Resumindo a memória suméria, parece a A. ter inteira razão, quando caracteriza o tempo de Uruk como o mais inovador tanto tecno-

lógica como institucionalmente, assentando a economia e a vida social no templo até aos finais do período dinástico primitivo. Era este o principal detentor das terras que, por esta via e de alguma maneira, pertenciam à cidade. No final daquele período, os cidadãos privados aparecem também como detentores de propriedade e o palácio acaba por tornar-se o mais importante dos proprietários. Até na arquitectura se denotam estas mudanças.

Mostrámos, parece-me, claramente o interesse deste livro, mormente na perspectiva arqueológica. A própria bibliografia final se ordena a este objectivo.

**José Augusto Ramos**

**JOSÉ NUNES CARREIRA**, *História antes de Heródoto*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1993, 255 pp.

Este livro, cujo núcleo se originou nas provas de agregação do A. realizadas há dez anos na Universidade dos Açores, aparece agora a encabeçar uma nova colecção das Edições Cosmos, a *Orientalia Lusitana*, dirigida pelo próprio Prof. J. Nunes Carreira, na qualidade de director do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o qual patrocina cientificamente a referida colecção.

Foi objectivo do Autor definir de uma maneira mais explícita a «historiografia e ideia de história na Antiguidade Oriental», ultrapassando as vagas impressões que, com frequência, vêm ainda marcando esta área na bibliografia sobre a história da historiografia. Daí o desafio implícito que o título propõe para este livro, nomeadamente o de ultrapassar o quase dogmático ou mítico limiar herodotiano para o aparecimento da historiografia. Há hoje muitas razões que nos possibilitam e obrigam a reponderar a tradicional fórmula de «pai da História» aplicada por Cícero a Heródoto.

Adentrando-se pelos vastos espaços da historiografia médio-oriental antiga, o A. decidiu que «a melhor maneira de a julgar não é comparando-a com a clássica ou a moderna, mas enquadrando-a no seu ambiente cultural e nos pressupostos essenciais de qualquer historiografia» (p. 24). Esta é a maneira de ultrapassar com realismo e perspectivas de eficácia definições prévias demasiado cúmplices da sua aplicação a determinadas épocas históricas excessivamente já nossas. Os critérios, os métodos e as atitudes são aqueles que por esta análise se definirão.